
Jornalismo, semiformação e o espectro do fascismo: apontamentos à luz da Teoria Crítica da Sociedade¹

Emerson Campos Gonçalves²
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

RESUMO

Partindo da premissa de que uma das principais funções sociais do jornalismo é a formação dos indivíduos para a atuação crítica na esfera pública (TRAQUINA, 2012) e considerando que, quase sempre, as mídias hegemônicas acabam caminhando na contramão dessa meta, buscou-se, neste artigo, realizar apontamentos teóricos e uma revisão bibliográfica sobre a estreita relação entre a atividade jornalística enquanto braço da indústria cultural, os processos semiformativos que ela engendra e a ameaça do espectro do fascismo que ronda uma sociedade que não é esclarecida sobre si mesma. Para isso, tomou-se como base a Teoria Crítica da Sociedade. Ao fim, apresentou-se os conceitos adornianos de elaboração do passado e negação determinada como via potente para análise da relação estudada.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; semiformação; teoria crítica da sociedade; educação; fascismo

INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XX, acostumamo-nos – de forma reiterada e infundável – a enxergar e compreender o mundo que nos cerca pautados, sobremaneira, pelos constantes estímulos imagéticos e sonoros aos quais somos submetidos em nossa existência ordinária como indivíduos: seja ao fitar as manchetes dos jornais na banca pela manhã, ouvindo um comentário desprezioso sobre amenidades no rádio, direcionando nosso olhar para a campanha num *outdoor* gigantesco que surge na rua ou sentando em frente à televisão após um dia de trabalho, somos educados e, ao incorporar parte significativa dessas mensagens em nossos repertórios, passamos também a educar outras pessoas a partir da circulação (e multiplicação) de um discurso que, considerando seu custo de produção e distribuição, é quase sempre hegemônico. Assim, ainda que a

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Emerson Campos Gonçalves (emer.cg@gmail.com) é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/Ufes) como bolsista Capes e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação, Filosofia e Linguagens (Nepefil/Ufes). Trabalho desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Robson Loureiro.

aparência seja de heterogeneidade do pensamento, a rigor somos [semi]formados pela (e para a) doxa promovida pelos *mass media* (GONÇALVES; LOUREIRO, 2017).

Observando tal assertiva pelas lentes da Teoria Crítica da Sociedade, faz-se necessário destacar que o referido processo (de formação pela doxa ou semiformação) foi acentuado na última década, sobretudo a partir do advento das redes sociais *online* que, na contramão da era pós-massiva anunciada com otimismo por alguns teóricos (LE MOS; LÉVY, 2010), acabou funcionando, também, como amplificador para as tradicionais mídias de massa. Isso porque, apesar de uma significativa democratização do papel de emissor, as novas redes abriram espaço considerável para a multiplicação do discurso hegemônico. Esse, paradoxalmente, passou a ser composto por pílulas audiovisuais cada vez mais rasas (ética e esteticamente falando), destinadas a atingir os sentidos atrofiados dos enunciatários na sociedade que Christoph Türcke (2010) descreveu como excitada e viciada em imagens (TÜRCKE, 2010). Em outros termos, a era pós-massiva surge, então, não como uma superação, mas como uma extensão das velhas mídias da indústria cultural, caracterizada pela tentativa de incorporar os usuários na rede como potenciais agentes propagadores.

Destarte, considerando que historicamente estamos situados numa sociedade marcada pelo consumo que chega em nosso bolso por vias microeletrônicas convergentes, pela fragmentação das atividades produtivas (e das próprias relações humanas, reduzidas a conexões e códigos binários) e pela já citada produção exponencial de conteúdos audiovisuais rasos que buscam provocar a sensação e o sensacional em nossos sentidos supersaturados, acabamos por sucumbir – novamente – à ideologia dominante que nos é imposta (TÜRCKE, 2010). Tocando as palavras – e tomando as concepções do esquematismo kantiano³ –, abrimos mão de toda e qualquer subjetividade e/ou reflexão de mundo em nome de uma análise já mastigada e digerida, desobrigando-nos a ruminar sobre os problemas de classe que nos cercam. Assim, educamo-nos uns aos outros para a vida (e para o conformismo) pelas vias de atuação da indústria cultural, principalmente

³ Para operar, a indústria cultural promove um verdadeiro sequestro do esquematismo – no sentido kantiano – destinado aos sujeitos. Não resta nada mais a ser apreendido que já não tenha sido discutido e digerido pelos *mass media*. Entregue de antemão, a reflexão já chega elaborada aos indivíduos desacostumados de usar seus sentidos. As aparentes críticas, a aparente possibilidade da escolha e apreensão estética, tudo está meticulosamente planejado pelos diferentes setores do entretenimento, que utiliza um aparato técnico sofisticado para multiplicar os estímulos sensoriais imagéticos, contra o qual resta muito pouco a cada um de nós fazer.

através do jornalismo – ator privilegiado na proliferação dos processos semiformativos (COSTA, 2001; GONÇALVES, 2018).

Para além da inércia (o que significa, a rigor, a persistência de diferentes práticas de violência e exploração do sofrimento das classes mais pauperizadas), o perigo dos processos semiformativos supracitados reside na influência decisiva que eles exercem para a proliferação dos sintomas daquilo que Adorno e seus colaboradores em Berkeley denominaram por síndrome fascista (ADORNO *et. al.*; 1950), sendo notória a disseminação dessa enfermidade social por meio da multiplicação de relatos de ódio, racismo, sexismo, misoginia e homofobia nas redes sociais online⁴.

Contudo, seguindo o convite de Walter Benjamin (1987) – e se alinhando com a Teoria Crítica da Sociedade –, este estudo busca transformar a melancolia que pode surgir da constatação mencionada em possibilidade efetiva de transformação. Para isso, retoma-se aqui um debate de tempos em tempos adiados no âmbito das discussões das teorias do jornalismo e dentro da própria educação: a conceituação da atividade jornalística, em um sentido mais amplo, como um processo educacional não formal, contra o qual a escola (por natureza, espaço formal da educação) pode fazer muito pouco de maneira isolada.

Nesse sentido, torna-se relevante apontar para uma contradição inerente aos meios de comunicação de massa que também diz respeito ao sistema escolar: o jornalismo hegemônico tem como premissas vigiar e denunciar o sistema ao qual é subserviente, formando os indivíduos para uma atuação crítica frente o mundo produtivo (TRAQUINA, 2012), mas não pode efetivar às últimas consequências seu papel porque isso significaria sua própria ruína (do jornalismo e do sistema ao qual é signatário). Tal constatação é, em certo grau, semelhante àquela identificada por Demerval Saviani e Newton Duarte (2012) sobre o papel da escola, na análise dos autores, impedida de realizar sua função de socializar o conhecimento. Nas palavras dos estudiosos da pedagogia histórico-crítica:

[...] a luta pela escola pública coincide com a luta pelo socialismo. Tal tese está apoiada na análise de uma contradição que marca a história da educação escolar

⁴ Tem sido comum a proliferação de discursos autoritários e de ódio que são inerentes à barbárie que é própria do sistema capitalista. Um excelente indicador dessa realidade é o dossiê *Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital*, produzido pela agência Nova/SB, que, entre outros números alarmantes, mostrou que, de abril a junho de 2016, 84% das mensagens postadas por perfis de brasileiros usuários da *web* sobre os temas ‘aparência’, ‘classes sociais’, ‘deficiências’, ‘homofobia’, ‘misoginia’, ‘política’, ‘idade e/ou geração’, ‘racismo’, ‘religião’ e ‘xenofobia’, tiveram uma abordagem negativa e preconceituosa.

na sociedade capitalista. Trata-se da contradição entre a especificidade do trabalho educativo na escola – que consiste na socialização do conhecimento em suas formas mais desenvolvidas – e o fato de que o conhecimento é parte constitutiva dos meios de produção que, nesta sociedade, são propriedade do capital e, portanto, não podem ser socializados (SAVIANI, DUARTE, 2012, p. 2).

Pegando uma carona por vias tortuosas na proposição, a hipótese aqui defendida é de que a luta por um jornalismo que seja efetivo enquanto serviço público também coincide com a luta pelo socialismo, sobretudo por se tratar de uma atividade formativa (ou semiformativa, nos termos tratados) essencialmente burguesa (GONÇALVES, 2018). Logo, a tentativa aqui realizada é de se propor linhas de estudo que permitam elaborar e compreender os caminhos necessários para a efetivação de um jornalismo contra-hegemônico nos tempos hodiernos. Faz-se, portanto, imprescindível conceituar o jornalismo como campo de pesquisa possível na educação. Para isso, objetiva-se apontar neste artigo delineamentos básicos que auxiliem a situar os produtos jornalísticos – enquanto objetos de análise – dentro das investigações educacionais. Conforme supracitado, o caminho trilhado se alinha com a Teoria Crítica da Sociedade, tida como corrente de maior vigor para análise do momento atual.

Buscando cumprir a proposta apresentada, (e visando facilitar a leitura), este trabalho – em sua essência, uma pesquisa bibliográfica – se divide em duas partes principais, às quais são acrescidas breves considerações finais, a saber: i) parte-se da rigorosa revisão dos principais estudos de pesquisadores brasileiros sobre a relação entre jornalismo, educação e fascismo; e ii) propõe-se as principais categorias que, dentro da Teoria Crítica da Sociedade, podem contribuir para conceituar e desenvolver estudos sobre as temáticas de forma mais ampla, a saber: elaboração do passado e negação determinada.

UMA REVISÃO NECESSÁRIA: EDUCAÇÃO, JORNALISMO E FASCISMO

Conforme se defendeu na introdução deste trabalho, jornalistas e comunicólogos – na contramão de qualquer objetividade ou isenção que erroneamente possam ser pregadas como verdades absolutas dentro do exercício da profissão – sempre tiveram consigo (ao menos na Modernidade) a responsabilidade de atuar como formadores de opinião e educadores não-formais, determinando as pautas da agenda social – a *agenda-setting* – e os rumos dos debates públicos a partir de seus critérios de noticiabilidade, o

que, por si só, já justificaria qualquer investigação pelas vias da educação sobre a influência desses nos receptores das mensagens (sejam esses passivos ou não). O problema é que – no contra fluxo do que se poderia esperar – o processo educativo fomentado pelos *mass media*, se não sempre, na maior parte dessa história secular caminhou em direção aos anseios e interesses econômicos dos grupos detentores dos meios de comunicação (e do poder da palavra) e seus principais financiadores, funcionando como aparelhos ideológicos responsáveis por alienar os indivíduos (ALTHUSSER, 1985) e manter o *status* dominante daqueles que detêm o poder.

O próprio Paulo Freire, embora não tenha se dedicado a debater de maneira mais exaustiva (e conseqüentemente aprofundada), não se furtou ao assunto, dando ênfase para as semelhanças entre os papéis da escola e da imprensa em vários trechos de suas obras (MEDITSCH; FARACO, 2003). Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1968) critica os meios de comunicação de massa por agirem como instituições antidialógicas e comprometidas com depósito de conteúdos em indivíduos-objetos (tal qual a educação por ele definida como “bancária”), sem a criticidade necessária para a libertação dos sujeitos da opressão e a transformação do mundo, convidando-nos a observar e pesquisar o tema.

O convite decisivo para a aproximação entre jornalismo e as noções de semiformação, contudo, é anterior. Parte de Theodor W. Adorno no aforisma 71 de sua *Mínima Moralia*:

O poder magnético que sobre os homens exercem as ideologias, embora já se lhes tenham tornado decrépitas, explica-se, para lá da psicologia, pelo derrube objetivamente determinado da evidência lógica como tal. Chegou-se ao ponto em que a mentira soa como verdade, e a verdade como mentira. Cada expressão, cada notícia e cada pensamento estão preformados pelos centros da indústria cultural. O que não traz o vestígio familiar de tal preformação é, de antemão, indigno de crédito, e tanto mais quanto as instituições da opinião pública acompanham o que delas sai com mil dados factuais e com todas as provas de que a manipulação total pode dispor. A verdade que intenta opor-se não tem apenas o carácter de inverossímil, mas é, além disso, demasiado pobre para entrar em concorrência com o altamente concentrado aparelho da difusão (ADORNO, 1993, p. 107).

Tomando a desconcertante postulação de Adorno (1993), obrigamo-nos a concordar que a verdade (e a escola, conforme já mencionado) parece ter poucas chances em concorrer com o avanço e a incrementação dos meios de comunicação de massa, constatação que fica mais arrebatadora ainda quando consideramos o advento do

sofisticado sistema tecnológico que possibilitou as redes sociais *online*. Se sempre foi um desafio propor uma formação crítica, para além das fronteiras da opinião ligeira e fugaz fornecida pelos jornais e produtos de entretenimento, em uma sociedade marcada pelo uso de aplicativos como o *Snapchat* que – ao melhor estilo dos *blockbusters* de espionagem – permitem mensagens que se autodestroem em segundos, o processo de semiformação se acentua, gerando as condições necessárias para comportamentos autoritários como aquele dos indivíduos alemães frente a Auschwitz (ADORNO, 1950). Aliás, citando novamente Adorno (1995), esse é o primeiro ponto que justifica a investigação proposta: contribuir para que Auschwitz não se repita. Nos termos do autor:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la. Não consigo entender como até hoje mereceu tão pouca atenção. Justificá-la teria algo de monstruoso em vista de toda monstruosidade ocorrida. Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência da possibilidade de que se repita no que depender do estado de consciência e de inconsciência das pessoas. [...] Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora. Apesar da não visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz (ADORNO, p. 122, 1995).

Assim, em uma perspectiva adorniana, se desde o final da 2ª Guerra Mundial deveríamos seguir alertas na observação dos *mass media* como agentes de formação (ou semiformação), a aproximação entre jornalismo e educação se justifica especialmente pela urgência de discutir a ampliação desse processo na *web*, dentro de um contexto social de uma sociedade superexcitada por imagens (TÜRCKE, 2010), que testemunha quase que anestesiada a proliferação de comentários de ódio na rede.

Nesse sentido, a aproximação proposta neste artigo se faz fundamental pela já discutida atualidade e relevância do tema, bem como pela carência de debates sobre a relação entre jornalismo, educação e fascismo, sobretudo dentro da perspectiva teórico-crítica. Outrossim, um ponto que fomentou a proposição dos delineamentos aqui apresentados foi a incipiência de estudos sobre o papel do jornalismo como agente formador dos indivíduos dentro da dita era das redes sociais *online*, principalmente em uma perspectiva que ultrapassasse a prática formalizada da educação.

Em leituras prévias à elaboração deste estudo, uma primeira inquietação surgiu ao verificar que a era pós-massiva figura como objeto costumaz de análises mais reduzidas (ainda que também muito relevantes), como estudos com foco no ensino à distância e/ou o uso da *web* como ferramenta pedagógica nas escolas (SCHONS, RIBEIRO e BATTISTI, 2008; GROSSECK, MARINHO E TÁRCIA, 2009; CARVALHO, 2009; ROMANCINI, 2010). No que tange a configuração da imprensa tradicional frente ao novo papel dos indivíduos nas redes na sociedade capitalista pós-industrial, as abordagens, quando existentes, acabam se restringido a análises de produtos isolados como o *Wikipédia* (PEREIRA e MATTE, 2010), sendo o contexto mais amplo do processo desconsiderado.

Assim, verificando a aparente carência nos estudos sobre o tema (conforme explicitado na introdução, a relação entre jornalismo, educação e fascismo), elaborou-se uma rigorosa revisão da literatura produzida sobre o assunto, objetivando encontrar discussões que pudessem contribuir para a proposição, principalmente a partir da Teoria Crítica da Sociedade.

Para isso, foram construídos três campos semânticos com expressões distintas que ajudassem a desvelar os resultados pretendidos já durante o processo de busca nos bancos de teses e periódicos selecionados para a revisão. Assim, considerado um período de dez anos (recorte satisfatório para abarcar a era pós-massiva), a pesquisa do material de leitura se deu em quatro etapas, sendo a primeira delas a seleção da base onde seria feita a consulta. Foram selecionados os seguintes bancos de dados:

- Portal de Livre Acesso à Produção em Ciência da Comunicação (Portcom), organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom);
- Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased), mantido pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP);
- Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes);
- Banco de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes);
- Biblioteca da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped);
- Banco de dados do sítio eletrônico do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação, organizado por pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos

(UFSCar), Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Universidade Estadual Paulista (UNESP-Araraquara), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade Federal de Lavras (UFLA);

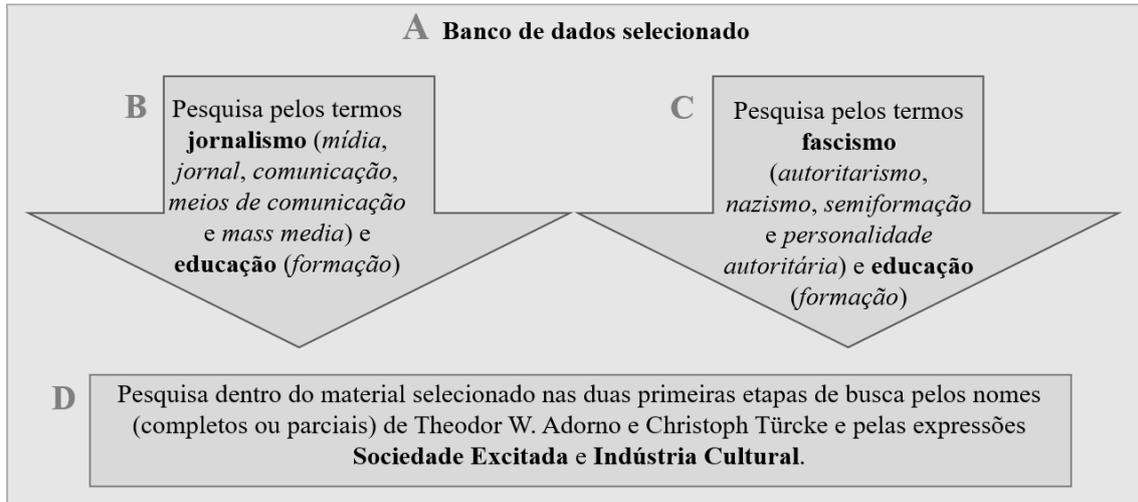
- Banco de dados da SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), organizado e mantido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Posteriormente, em três etapas, buscou-se verificar a presença dos descritores escolhidos dentro do acervo selecionado. Dentro do primeiro campo semântico de busca, partiu-se de um recorte mais amplo, buscando identificar a mera presença de uma relação entre *jornalismo* e *educação* nas publicações consultadas. Ademais, para evitar qualquer omissão nos resultados durante a pesquisa, também foram utilizados outros termos que pudessem sugerir o mesmo assunto, como *mídia*, *jornal*, *comunicação*, *meios de comunicação* e *mass media* no caso do termo *jornalismo* e *formação* no caso do termo *educação*.

Para um segundo momento de pesquisa dentro dos bancos de dados, optou-se por realizar o mesmo padrão de busca, porém substituindo o termo *jornalismo* por *fascismo*, a fim de verificar quais debates mais pertinentes têm sido promovidos sobre a relação entre o tema e *educação*. Para isso também foram utilizados os termos *autoritarismo*, *nazismo*, *semi formação* e *personalidade autoritária*, sendo os últimos justificados pela compreensão prévia de que os principais estudos sobre a relação entre educação e a formação de indivíduos fascistas têm tido como base relevante os estudos coordenados por Theodor W. Adorno (1950) em Berkeley.

Posteriormente, nos últimos refinamentos da pesquisa, buscou-se dentro do *corpus* selecionado nas etapas anteriores os trabalhos que tratam dos conceitos dos dois principais interlocutores deste trabalho, a saber, Theodor W. Adorno e Christoph Türcke. Com isso, além dos nomes dos autores (completos ou parciais), somou-se aos descritores de pesquisa as expressões “sociedade excitada” e “indústria cultural”, objetivando revelar dentro de um recorte já refinado aquelas publicações que trazem como abordagem teórica os conceitos de interesse dos autores supracitados. Assim, a relação das etapas de pesquisa para a revisão pode ser resumida conforme o esquema ilustrado na Figura 01 (p. 9).

Figura 01 – Campos semânticos e etapas de pesquisa nos bancos de dados de periódicos e teses que foram selecionados.



Fonte: Elaboração própria.

Legenda: Dentro do banco de dados selecionado (A) foram realizadas duas pesquisas que explicitassem as relações entre jornalismo e educação (B) e fascismo e educação (C) nos periódicos consultados. Posteriormente, dentro da seleção realizada em B e C foram consultados trabalhos que apresentassem os principais autores e conceitos discutidos nesta tese (D).

Os resultados da revisão (conforme ilustra a Tabela 01, p. 10, com as produções coletadas a partir dos descritores principais: *jornalismo, fascismo e educação*) confirmam que a abordagem proposta ainda não foi explorada. Ademais, apesar de um volume significativo de trabalhos se proporem a discutir a relação entre jornalismo e educação quando considerados os descritores secundários (como *formação*), em sua maioria absoluta as temáticas mais comuns foram os processos de educomunicação⁵, os estudos de recepção no ensino básico e os debates sobre o currículo para a formação de jornalistas nas escolas de comunicação.

É interessante observar dentre as produções que trazem temas aproximados, ainda que não semelhantes, a amplitude do trabalho desenvolvido por Lima e Filho (2012) em *Jornalismo, Democracia e Educação: algumas reflexões sobre o Jornalismo Cívico*. No artigo, os autores articulam o jornalismo metodologicamente às proposições de John Dewey sobre educação e vida pública, propondo uma educação para a cidadania nas sociedades democráticas. Contudo, seguindo fiel à base teórica proposta pelos autores, o

⁵ O conceito de Educomunicação surgiu a partir das pesquisas coordenadas pelo professor Ismar de Oliveira Soares no Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) no final da década de 90. Embora aparentemente abarque as temáticas de educação e comunicação de modo amplo, refere-se, primordialmente, a dois pontos, sendo: i) o estabelecimento de uma educação para a comunicação (ou para a mídia) nas escolas; e ii) o uso de ferramentas próprias da comunicação como suporte ao processo de ensino (SOARES, 2001). Desde 2011, a USP oferece uma Licenciatura em Educomunicação.

trabalho desconsidera as contradições inerentes ao próprio sistema capitalista e aos *mass media*, propondo uma reconciliação onde – do ponto de vista da Teoria Crítica da Sociedade – jamais houve rompimento. Isso porque parece fazer pouco sentido idealizar um jornalismo que atue na formação de indivíduos aptos à prática democrática, uma vez que, em uma perspectiva frankfurtiana, o jornalismo – enquanto produto da indústria cultural – sempre atuou “educando” o sujeito para que ele cumprisse exatamente aquilo que a sociedade liberalista espera dele: a mansidão.

Tabela 01 – Resultados a partir do primeiro campo de busca nos bancos de dados.

Trabalhos pesquisados entre 2007 e 2017	Total de trabalhos que explicitam a relação entre <i>jornalismo e educação</i>	Total de trabalhos que explicitam a relação entre <i>fascismo e educação</i>	Trabalhos que explicitam a relação entre os três descritores
Portcom*	11	0	0
Thesaurus	3	0	0
Banco de teses da Capes**			
Banco de periódicos da Capes	8	3	0
Biblioteca da Anped	1	2	0
SciELO	3	1	0
Grupo Teoria Crítica e Educação	0	0	0

Fonte: Elaboração própria.

Legenda: (*) Em sua maioria absoluta, os resultados disponíveis dentro do Portcom tratavam de trabalhos apresentados por estudantes de graduação no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Assim, ainda que reconhecendo a contribuição fundamental e relevante das pesquisas de Iniciação Científica para o progresso e desenvolvimento da Ciência no Brasil, faz-se necessária a prudência de lembrar que, em sua maioria, as investigações ainda estão em estágio inicial. Foi aplicado, então, um segundo recorte filtrando os artigos integrantes da Revista Brasileira de Ciências da Comunicação (Intercom-RBCC) – periódico com *qualis* A2 na área de Comunicação e Informação e B1 em Educação. (**) O banco de teses da Capes não permite filtrar, mas apenas somar os temas, o que impossibilita a busca a partir de descritores gerais como “jornalismo e educação”, visto que o resultado gerado abarca trabalhos sem qualquer relação com o tema.

Além desse, destaca-se de modo especial a tese defendida por Flademir Roberto Williges no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2015, intitulada *Sensação e fetiche na cultura da imagem: o capitalismo estético e as tecnologias do audiovisual*, onde o autor assume defesa clara das teses de Christoph Türcke sobre a multiplicação exponencial dos estímulos promovidos pelos *mass media* aos indivíduos. A pesquisa, contudo, não direciona o olhar para o campo da educação como proposto neste trabalho.

ELABORAÇÃO DO PASSADO E NEGAÇÃO DETERMINADA

Partindo da revisão realizada, contata-se a ausência quase que absoluta de pesquisas que buscaram conceituar de forma efetiva o jornalismo como um processo educativo, sobretudo tomando como perspectiva a Teoria Crítica da Sociedade. Nesse sentido, propõe-se neste tópico as categorias de elaboração do passado e negação determinada como uma primeira – e potente – via para a conceituação proposta.

Para compreender a noção de elaboração do passado e semiformação em Theodor W. Adorno é necessário primeiro entender que o filósofo, já em *Dialética do Esclarecimento* (publicado originalmente em 1947), opõe o conceito de cultura ao de cultura industrializada: aquela engendrada pela indústria cultural. O valor da cultura resume-se àquelas atividades que no mundo da vida “desligam-se” da hegemonia mercadológica que negam valores externos a ela. Essa ‘cultura não afirmativa’ ratifica o potencial de transformação da realidade social objetiva. Nesse sentido, o termo *Kultur* (cultura) carrega uma conotação pejorativa, pois faz alusão à forma como o conceito foi apropriado pela burguesia alemã, que compreende a *Kultur* como desvinculada do mundo da produção (da práxis social). Na cultura industrializada – cultura afirmativa – o distanciamento da práxis esvazia o potencial de emancipação do indivíduo.

Para Adorno (1995), porém, o homem só consegue ser efetivamente um sujeito emancipado quando capaz de compreender seus desejos, temores e angústias. Portanto, ao invés de uma relação passiva, de mero consumidor (como aquela que caracteriza tanto o consumo de informações dos *mass media* como das redes sociais *online*), a proposta é que os sujeitos sejam capazes de negar a cultura afirmativa que fetichiza, que enaltece o valor de troca em detrimento do valor de uso da cultura. Em outros termos, a positividade da cultura, de acordo com Adorno (1995), está no seu potencial de negação determinada

do objeto, isto é, de crítica – que reconhece os meandros de constituição histórica daquilo que precisa ser negado. A negatividade da cultura, por outro lado, revela-se no momento em que seu potencial é resumido à afirmação do existente – daquilo que produz e reproduz dor e sofrimento. É o caso do jornalismo moderno (e por isso a potência de ambas categorias para entendê-lo como um processo de formação).

Bildung (formação) é um termo alemão que faz par, mas se difere do conceito de educação, *Erziehung* (esse último mais atrelado à educação escolar). O conceito de *Bildung* está diretamente ligado a uma autoformação e segue mais próximo da ideia de *Erfahrung* (experiência) proposta por Walter Benjamin (XAVIER, *et. al*, 2016). É o processo pelo qual o indivíduo consegue formar uma imagem (*Bild*) de si mesmo, por meio de uma experiência na qual há a valorização do não eu, do não idêntico. A valorização da *Bildung* já estava presente nos escritos sobre educação de Nietzsche (2003). Este percebera o empobrecimento da cultura de seu tempo (segunda metade do século XIX), o fim do erudito e, no seu lugar, o enaltecimento da cultura superficial do especialista representado pela figura do jornalista.

Assim como Nietzsche (2003) já havia feito essa denúncia, de que a modernidade capitalista danificara a *Bildung*, Adorno junto com Horkheimer (1985) percebeu que a massificação da cultura não significou a sua democratização. Pelo contrário. Ela revela o seu aspecto industrial e mercantil, que se reduz ao mero valor de troca e, portanto, ao invés de promover a autoformação do sujeito, ela não passa de uma afirmação ideológica que fetichiza a realidade. Logo, o sujeito que será alvo dessa *Halbbildung* (semiformação) é aquele que consome os produtos da cultura industrializada, massificada, que não permite – ou ao menos dificulta – perceber nos processos de produção a contradição própria da realidade social. A *Halbbildung* é a síntese da massificação da cultura industrial e no momento em que essa assume o lugar da *Bildung*, torna-se a quase que total impossibilidade de o sujeito se desenvolver de forma autoconsciente.

As condições supracitadas atuam impedindo o processo efetivo de elaboração do passado (*Aufarbeitung der Vergangenheit*), fundamental para compreender as condições objetivas e subjetivas que levam à barbárie, o que é extremamente relevante não apenas para identificar, mas, sobretudo, para evitar que se perpetuem processos como o nazifascismo. Para isso, porém, é necessária uma negação determinada do objeto, o que

significa romper com a cultura afirmativa, portanto, com a semiformação, o que, em princípio, não pode ser apenas uma questão de desejo, de vontade do sujeito, mas que requer um primeiro movimento formativo. Afinal, negar o objeto significa perceber-se atravessado por ele, o que se torna pouco provável em uma sociedade dominada pela imagem técnica, pelo espetáculo (DEBORD, 1997) que mimetiza o ritmo da produção capitalista, o que reitera – mais uma vez – a urgência de se aproximar os debates sobre jornalismo dos debates sobre educação.

Nesse sentido, em linhas gerais, pode-se afirmar que a alienação do mundo do trabalho se reproduz no mundo da vida, no qual o tempo livre é a continuidade do tempo da produção. O mundo simbólico, da cultura, que deveria ser o momento de encontro do indivíduo com ele mesmo, com o outro – o não idêntico – no sentido de se libertar do alucinante ritmo da produção, na realidade se torna um enfadonho encontro com o sempre mesmo; com o já conhecido; com o já dado *a priori* pelas notícias do jornal. Aqui, a possibilidade de se ampliar a existência para além do ordinário é quase que totalmente aniquilada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tentativa deste breve artigo de revisão foi demonstrar a escassez de abordagens mais amplas sobre a análise do jornalismo como processo educativo, sobretudo pelas vias da crítica negativa frankfurtiana. Ao propor as categorias de negação determinada e elaboração do passado como possibilidade de convergência na análise teórica para as duas áreas, buscou-se demonstrar a atualidade dos conceitos para o estudo de objetos tanto da Comunicação Social quanto da Educação. É certo que as categorias apresentadas não são a única via para uma investigação mais abrangente, bem como a Teoria Crítica da Sociedade não é a única possibilidade. Contudo, tomando o caso brasileiro como exemplo, a se considerar a proliferação dos discursos de ódio e das mesmas condições objetivas e subjetivas que, conforme mencionado ao longo do trabalho, culminaram em Auschwitz, faz-se urgente direcionar o olhar às investigações daqueles que focaram grande atenção nos tensionamentos entre *mass media*, semiformação e fascismo. Ademais, para além desses apontamentos, espera-se com este trabalho fomentar outras discussões qualificadas que busquem novos caminhos teóricos para pensar as aproximações, afastamentos e sobreposições entre as áreas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, T.W.; et al. **The Authoritarian Personality**. New York: Harper & Brothers, 1950.
- ADORNO, T.W. **Mínima Moralía**. Edições 70: Lisboa, 1993.
- _____. **Educação e Emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARVALHO, A. A Web 2.0, educação a distância e o conceito de aprendizagem colaborativa na formação de professores. In: Anais do **2º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**. Pernambuco. Disponível em <[https:// goo.gl/cggMA1](https://goo.gl/cggMA1)>. Acesso em 20 de setembro de 2018.
- COSTA, B.C.G. Barbárie, estética e produção jornalística. **Educação & Sociedade**, ano XXII, ano 76, p. 106-118, outubro/2001
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- GONÇALVES, E.C.; LOUREIRO, R. Jornalismo como antifilosofia e a propagação do discurso fascista na Sociedade Excitada: uma análise crítica de charges em A Gazeta. **Revista Estudos de Jornalismo** (Portugal), n. 07, p. 113-129, dezembro/2017.
- GONÇALVES, E.C. Do ensino à práxis: midiativismo como prática contra-hegemônica do jornalismo na sociedade excitada. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. p. 258-277.
- GROSSECK, G.; MARINHO, S.; TÁRCIA, L. Educação a distância baseada na Web 2.0: a emergência de uma pedagogia 2.0. **Educação & Linguagem**, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 111-123, jan./jun. 2009.
- LEMOS, A.; LÉVY, P. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.
- LIMA, M.A.A; FILHO, J.C, Jornalismo, Democracia e Educação: algumas reflexões sobre o Jornalismo Cívico. Intercom, **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro, v.35, n.2, p.39-60, 2012.
- MEDITSCH, E.; FARACO, M. O Pensamento de Paulo Freire sobre Jornalismo e Mídia. Intercom, **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro, v.26, n.1, p. 25-46, 2003.

Nietzsche, F. **Escritos sobre educação**. Tradução e apresentação de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/Editora PUC-Rio, 2003.

NOVA/SB. **Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital**. São Paulo, 2016, 115 p. Disponível em <<http://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/quando-intolerancia-chega-as-redes/>>. Acesso em 22/06/2016.

PEREIRA, D.; MATTE, A. Discursos sobre a Web 2.0 e a educação: uma análise semiótica. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, 49(1): 293-304, Jan./Jul. 2010.

SAVIANI, D; DUARTE, N. (Orgs). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SCHONS, C; RIBEIRO, A.; BATTISTINI P. Educação a distância: Web 2.0 na construção do conhecimento coletivo. In: Anais do **VIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Disponível em: < <https://goo.gl/UdwiA6>>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos. In: **Caminhos da educomunicação**. São Paulo: Salesianas: Núcleo de Comunicação e Educação/ECA/USP, 2001. p. 35-46.

ROMANCINI, R. Web 2.0 e EAD: riscos e possibilidades. **Em questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 179-192, 2010.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, v. 1, 2012.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

XAVIER, et al. Fragmentos benjaminianos e quatro caminhos para a pesquisa em educação: experiência, infância, arte e poder. **Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica**. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória/ES, v. 22, n. 2, p. 64-90, jul./dez. 2016.

WILLIGES, F. R. **Sensação e fetiche na cultura da imagem**: o capitalismo estético e as tecnologias do audiovisual. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, 2015.